

## ROMA EPIGRAMÁTICA: A URBS COMO PERSONAGEM DOS EPIGRAMAS NO LIVRO I DE MARCIAL

*Epigrammatic Rome: the urbs as a character in Martial's first book of epigrams*

*Fabio Paifer Cairolli\**

**RESUMO:** O presente artigo analisa as menções a elementos geográficos da cidade de Roma no primeiro livro de *Epigramas* do poeta latino Marcos Valério Marcial. Para tanto, baseando-se nas categorias aristotélicas que prescrevem homens virtuosos ou viciosos como divisão de assunto da poesia, será observada a maneira como a descrição do espaço físico da cidade empresta virtudes ou vícios para as personagens retratadas em cada poema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marcial; Epigramas; Roma; poética; topografia.

**ABSTRACT:** *This article analyzes the references to geographical features of the city of Rome in the first book of Epigrams of the Latin poet Martial. In order to do so, the way the description of the city's physical space lends virtues or vices to the characters in each poem will be examined using Aristotelian categories that prescribe virtuous or vicious men as subject for poetry.*

**KEYWORDS:** *Martial; epigrams; Rome; poetics; topography.*

---

\* Professor da Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.  
cairolli@yahoo.com.br

## Introdução

Uma das características que distinguem os livros de *Epigramas* do poeta latino Marcos Valério Marcial (c. 40 - c. 105 d.C.) é a sua abundante referência aos espaços, quer públicos, quer privados. Pelas breves linhas de cada poema de sua coleção, além de indivíduos de todas as extrações sociais, passa uma profusão de lugares: espaços públicos da cidade, o átrio da casa dos poderosos, vilas suburbanas, cidades da moda como Tíbur ou Baias e mesmo recantos pitorescos da longínqua Hispânia, terra natal do poeta, se sucedem em abundantes poemas, espaços necessários para que os homens ajam e, portanto, se transformem em objeto de encômio ou de vitupério.

Esta abundância, a nosso ver, não deve ser vista como fenômeno acidental. Pelo contrário, não só confere realismo ao discurso do poeta, mas, também, sugere que o espaço esteja sendo observado de forma dinâmica e seja ele próprio possuidor de virtude ou de vício, ou que sua existência molde o *êthos* do protagonista de cada poema. Tal hipótese é sugerida pelo próprio poeta no epigrama I, 62:

*Casta nec antiquis cedens Laeuina Sabinis  
et quamuis tetrico tristior ipsa uiro  
dum modo Lucrino, modo se permittit Auerno,  
et dum Baianis saepe fouetur aquis,  
incidit in flammas: iuuenemque secuta relicto  
coniuge Penelope uenit, abît Helene.*

Levina, que os antigos sabinos mais casta  
e até mais triste que o sombrio marido  
enquanto há pouco foi ao Lucrino, ao Averno,  
e muito se aqueceu na água de Baias,  
em brasa ardeu: seguindo um jovem, o marido  
deixou: Penélope vem, vai Helena.<sup>1</sup>

Levina, como matrona romana que é, representa o tétrico *mos maiorum*, conjunto de valores que os romanos tradicionalmente atribuíam aos seus ancestrais e que serviam como elemento de coesão e refração cultural da urbe, aqui representados pela castidade e pela tristeza. Esta personagem, no entanto, viaja para um dos balneários favoritos dos romanos, a cidade de Baias e seus vizinhos lagos Lucrino e Averno, localizados a cerca de vinte quilômetros a oeste de Nápoles, em região cálida e de colonização helênica, resultando do processo a mudança de seu comportamento: o calor

---

<sup>1</sup> A versão latina dos textos de Marcial serão apresentadas segundo a edição de Lindsay (1987). As traduções aqui apresentadas provém de Cairolli (2014).

do ambiente acende seu desejo sexual e o sombrio marido é trocado por um amante jovem.

Tendo essas questões sido apresentadas, o objetivo deste artigo é investigar em um dos livros de Marcial - o primeiro de seus doze de *Epigramas* - de que forma as menções a lugares específicos da cidade de Roma interferem nos demais elementos da matéria que é apresentada em cada epigrama. A escolha do primeiro livro se justifica pela necessidade de verificar a efetiva relação em um *corpus* reduzido antes de propor uma análise da obra completa desse autor, dada a sua extensão: sendo o *Liber* uma unidade de sentido prevista pelo próprio autor em seus prefácios e em poemas como VII, 85 ou VIII, 29, este é o tamanho proposto para o recorte do objeto; dentre os livros, escolhe-se o primeiro em virtude de aceitarmos que a obra de Marcial, na forma como circula na atualidade, representa em grande medida o projeto editorial organizado pelo autor, inclusive do ponto de vista cronológico. Espera-se encontrar uma imagem sistematizada da Urbe que, de alguma forma, seja unitária, articulando-se para criar um sentido específico - virtuoso, vicioso, ou uma mistura de ambos - da mesma forma que a variedade de assuntos dos epigramas serve a construir uma unidade maior representada pelo *Epigrammaton liber*.

### **1 Uma caminhada turística**

A primeira menção a um lugar específico de Roma é digna de especial interesse: no poema I, 2, o poeta imagina o leitor perdido na cidade, sem saber como alcançar a companhia do autor. De forma implícita, o que está sendo apresentado é a autoridade do poeta como guia do leitor pelos caminhos de Roma e de seu povo. Com isso, Marcial sugere um processo peripatético de leitura do livro: como acompanhante do leitor em sua observação da realidade romana, o poeta comenta sua matéria em cada poema como se esta passasse diante de seus olhos em sucessão, como em uma caminhada pela cidade. Verbos de visão (I, 14, v. 2: *uidimus*; I, 24, v. 1: *aspicis*) ajudam a manter esta teatralidade.

Uma vez que a visão entra em jogo, os epigramas desenvolverão as mesmas técnicas do gênero efrástico. Conforme nos aponta Hansen (2006, p. 85):

Nos *progymnasmata*, exercícios preparatórios de oratória escritos por retores gregos entre os séculos I e IV d.C., *ekphrasis* (de *phrazô*, “fazer entender”, e *ek*, “até o fim”) significa “exposição” ou “descrição”, associando-se às técnicas de amplificação de tópicos narrativas, composição de etopeias e exercícios de qualificação de causas deliberativas, judiciais e epidíticas. Aélion Theon diz que *ekphrasis* é discurso periegético – que narra em torno – pondo sob os olhos com *enargeia*, “vividez”, o que deve ser mostrado. Nos seus *Progymnasmata*, Hermógenes a define de maneira semelhante: técnica de produzir enunciados que têm *enargeia*, apresentando a coisa quase como se o ouvido a visse em detalhe.

O Livro 1 de Marcial pode ser entendido, portanto, como uma periegesis, isto é, a descrição do que há entorno, uma descrição que se move através dos quadros que se sucedem, e que resultam nos epigramas. Descrever, lembramos, é uma das modalidades da poesia epigramática arrolada por Plínio, o Jovem (IV, 4, 3), poeta contemporâneo de Marcial e seu patrono.

Para que este processo seja iniciado, o poeta indica (I, 2, vv. 7-8) onde pode ser encontrado: está a venda na tenda do livreiro Segundo, localizado próximo ao Templo da Paz, no Fórum de Palas<sup>2</sup>.

Este lugar volta a ser referido em I, 3, v. 1 (*tabernas... argiletanas*: as tendas do Argileto). A via do Argileto, parte da qual havia sido alargada para construção do Fórum de Palas, era o polo dos livreiros de Roma. Neste ponto, o poeta se dirige ao seu primeiro interlocutor, o próprio livro. Este prefere, diz o poeta, ser apenas mais um nas estantes do livreiro, lutando pela fama, que o conforto seguro do *scrinium* do poeta. Mau negócio, declara, pois Roma é uma senhora enfadada (v. 3): em um instante te elogia (v. 7), no seguinte te lança longe (v. 8). É significativo, para esta investigação, notar que a primeira invectiva do livro é direcionada a Roma como um todo.

O próximo lugar de Roma que o poeta menciona passa quase despercebido, mas tem interesse central. Em I, 14, o poeta se dirige ao imperador, comentando a maravilha dos espetáculos que são oferecidos *na arena*:

*Delicias, Caesar, lususque iocosque leonum  
uidimus – hoc etiam praestat harena tibi –  
cum pressus blando totiens a dente rediret*

<sup>2</sup> Salvo nota contrária, seguimos, em nossa identificação topográfica dos lugares referidos por Marcial, as indicações de Platner (1929).

*et per aperta uagus curreret ora lepus.  
Vnde potest auidus captae leo parcere praedae?  
Sed tamen esse tuus dicitur: ergo potest.*

Vimos, César, delícias, gracejos e jogos  
dos leões – isso até te dão na arena –  
quando a lebre fugia da branda mordida,  
perambulando pela boca aberta.  
Como pode um leão preservar sua presa?  
Diz-se, porém, que é teu: logo, ele pode.

Não é demais supor que Marcial, conscientemente, coloque o anfiteatro como o primeiro lugar digno de nota a ser identificado no livro, visto que esta construção já havia sido o tema central de seu livro de estreia, o *Livro dos Espetáculos*. De mais a mais, o poeta já havia demonstrado naquele livro que o Coliseu era o espaço em que a dinastia governante centralizava sua prática política (Mart., *Spec.*, 3). Indo primeiro a este ponto da cidade, via-se o que era mais importante na *urbs*, o imperador em pleno desempenho do *munus*. Este termo latino, que significa *cargo*, mas que tem seu sentido transferido para os encargos de uma função pública e, finalmente, para um encargo em particular, o de oferecer coisas ao público, especialmente construções e espetáculos, é simbólico da dinâmica do poder imperial: se o presente surge na política romana como um agradecimento do magistrado ao seu eleitor, no anfiteatro ele passa a impulsionador de uma dinâmica de cunho populista, no qual os imperadores oferecem os presentes para serem aclamados pelo povo, de modo que a aclamação constitua a justificativa de sua estada no poder. O *munus* que o poeta admira é um espetáculo em que um leão permite a uma lebre brincar dentro de sua boca, sem nunca chegar a mordê-la. Não é demasiado notar que apresentações deste teor possuem claro significado político.

O próximo poema em que Roma é entrevista é também o primeiro em que o turpilóquio se soma ao vitupério. Trata-se do epigrama I, 34, no qual Lésbia é criticada pelo seu comportamento sexual. A personagem, mais do que comportamento sexual reprovável, é invectivada pelo seu exibicionismo: recebe seus amantes de portas abertas (v. 1), visto que sente mais prazer em ser observada do que no ato sexual propriamente dito (vv. 3-4). Aqui, temos uma perspectiva interessante dos indivíduos no espaço público observando a vida particular da personagem invectivada. Estar exposta desta forma é o ato vicioso da personagem: o poeta lembra que nem as mulheres que têm a sexualidade mais pública, como é o caso das meretrizes, se expõem dessa forma. Para

tal, leva seu leitor a dois lugares diferentes: o Sumênio, região de Roma de localização desconhecida ou, mais provavelmente, nome de casa de tolerância ou do proprietário de um tal estabelecimento, no qual as prostitutas mantêm a privacidade do seu negócio com chaves e cortinas (v. 5-6), e às vias de acesso à cidade, área de atuação das meretrizes não estabelecidas, que encontravam seus clientes nos cruzamentos: estas exerciam seus serviços ao ar livre, mas, ainda assim, escolheriam os túmulos, convenientemente afastados da cidade e em local de frequência reduzida, atrás dos quais mantinham-se longe da vista (vv. 7-8).

Outro poema central dentro do primeiro livro de epigramas no qual a cidade é um elemento central é I, 41. Este faz a invectiva de um certo Cecílio, cujo vício era crer-se *urbano*. Marcial nega-lhe a virtude, comparando-o a diversos tipos humanos de pouca urbanidade com os quais a personagem se pareceria. Entre estes figura um curioso negociante, “ambulante de além-Tibre / que permuta algum fósforo amarelo / por uns cacos de vidro” (vv. 3-5: *hoc quod transtiberinus ambulator/ qui pallentia sulphurata fractis / permutat uitreis*). A passagem é obscura e suscita dificuldades de interpretação, no entanto, a imagem é clara no que diz respeito à condição deste negociador ambulante, que vive de permuta entre objetos sem valor, tais como vidros quebrados ou fósforos, índices de uma vida de fragilidade econômica. Não é por acaso que a personagem é descrita como *transtiberinus*, isto é, morador da região além do rio Tibre em que se concentrava a população mais pobre de Roma: o que é pouco urbano não é a pobreza propriamente dita, mas o tipo de vida ao qual a indigência obriga, longe dos espaços civis e civilizados, o envolvimento em atividades sujas como o manejo dos *pallentia sulphurata* (traduzidos como palitos de fósforos) e reciclagem de vidros, características da periferia da cidade. A urbanidade, aliás, não está com qualquer um (apesar de o poeta implicar que ela esteja consigo nos versos 19 a 21):

*Non cuicumque datum est habere nasum:  
ludit qui stolidi procacitate,  
non est Tettius ille, sed caballus.*

Não é dado a qualquer um ter nariz:  
quem brinca com estúpida insolência  
não é aquele Técio, e sim cavalo.

Aqui, entende-se o que Cecílio possui de inurbano: sendo poeta, dedica-se à estúpida insolência, diametralmente oposta à invectiva que Marcial sugere no prefácio de seu livro, que se supõe respeitosa com aqueles cujo vício é discutido nos epigramas. Não apenas o poema trata da questão discursiva, mas também da geográfica: é próprio dos transtiberinos não possuir urbanidade.

A Roma de I, 55, por sua vez, é a cidade de patronos e clientes: Marcial expõe ao amigo Frontão seus votos de possuir uma propriedade rural da qual tira provisões e prazer. Esta é o contraponto à vida de cliente que leva em Roma, comparecendo para as saudações matinais na casa do patrono, neste poema representados pelo “frio pintado do mármore espartano” (v. 5: *picta ... Spartana frigora saxi*). Aqui, Marcial parece se referir à mesma prática descrita por Plínio, o Velho, (*Nat. Hist.*, XXXV, 3) de pintar os mármorees que revestiam as construções, acrescentando-lhes veios ou aumentando a intensidade de suas cores. No naturalista, isto é índice de luxo e vaidade, o que estaria de acordo com o átrio da casa dos patronos ricos. O poema, primeiro de muitos em que o patronato será abordado, merece ser lido:

*Vota tui breuiter si uis cognoscere Marci,  
clarum militiae, Fronto, togaeque decus,  
hoc petit, esse sui nec magni ruris arator,  
sordidaque in paruis otia rebus amat.  
Quisquam picta colit Spartani frigora saxi  
et matutinum portat ineptus Haue,  
cui licet exuuuis nemoris rurisque beato  
ante focum plenas explicuisse plagas  
et piscem tremula salientem ducere saeta  
flauaque de rubro promere mella cado?  
pinguis inaequales onerat cui uilica mensas  
et sua non emptus praeparat oua cinis?  
Non amet hanc uitam quisquis me non amat, opto  
uiuat et urbanis albus in officiis.*

Se os votos de teu Marcos brevemente indagas,  
Frontão, luz das milícias, honra em toga,  
são tais: arar um campo seu e não dos grandes,  
pois ama humildes ócios, poucas coisas.  
Quem preza o frio pintado em mármore espartano  
e leva o matutino olá, sem jeito,  
se, feliz co’o despojo de bosques e campos,  
pode, ante o fogo, abrir as redes cheias  
e da trêmula linha puxar peixe aos saltos  
e o louro mel tirar do pote rubro?

Se enormes mesas a caseira gorda põe  
 e a cinza não comprada coze os ovos?  
 Não ame a vida assim quem não me amar, desejo,  
 e viva, pálido, o dever urbano.

Este poema, por sua posição no centro da geometria formada pela distribuição dos poemas, tem função central na compreensão da geografia presente no livro. Com efeito, nele comparecem juntos os dois elementos da dicotomia que perpassa a poesia de Marcial e que motiva esta parte da discussão: a Roma vem apresentado seu contraponto: o campo (v. 3: *ruris*), aqui entendido como a propriedade que permite o ócio (v. 4) e também o sustento de qualidade, com iguarias que são facilmente produzidas neste espaço (vv. 7-12). A exposição desses elementos é relevante porque dá a medida de que aspecto da vida fora da cidade é valorizado pelo poeta em detrimento do modo de vida romano, que é o das obrigações. Se aqui é referida a obrigação do cliente pobre de se submeter aos desejos do patrono, não faltarão poemas na obra do autor, tais como X, 30, em que a *villa* seja objeto do desejo de amigos poderosos, também eles obrigados a moverem as engrenagens de Roma a contragosto.

O próximo e talvez mais relevante dos aparecimentos da cidade de Roma no primeiro livro ocorre em I, 70. Nesse epigrama, entende-se que Marcial é cliente de Próculo, personagem mencionada no segundo verso, ao qual devia a obrigação da *salutatio*. Indisposto a desempenhar tal atividade, ordena que o livro - ele próprio entendido como cliente do poeta - substitua a pessoa. Para tanto, indica um itinerário, que se desenvolve integralmente no que é hoje a área arqueológica central de Roma.

*Vade salutatum pro me, liber: ire iuberis  
 ad Proculi nitidos, officiose, lares.  
 Quaeris iter, dicam. Vicinum Castora canae  
 transibis Vestae uirgineamque domum;  
 inde sacro ueneranda petes Palatia cliuo,  
 plurima qua summi fulget imago ducis.  
 Nec te detineat miri radiata colossi  
 quae Rhodium moles uincere gaudet opus.  
 Flecte uias hac qua madidi sunt tecta Lyaei  
 et Cybeles picto stat Corybante tholus.  
 Protinus a laeua clari tibi fronte Penates  
 atriaque excelsae sunt adeunda domus.  
 Hanc pete: ne metuas fastus limenque superbum:  
 nulla magis toto ianua poste patet,  
 nec propior quam Phoebus amet doctaeque sorores.  
 Si dicet 'Quare non tamen ipse uenit?'*



*sic licet excuses 'Quia qualiacumque leguntur  
ista, saluator scribere non potuit'.*

Vai saudar por mim, livro: ordeno, serviçal,  
que ao lar de Próculo, luzente, vá.  
O caminho? Direi: Castor, vizinho à Vesta  
canosa, passarás e o lar das virgens;  
então, ao sacro Palatino subirás  
onde a imagem do sumo chefe brilha.  
Não te prenda o admirável raio do colosso  
que gosta de vencer em massa o ródio.  
Dobra onde um monumento tem Lieu e em Cíbele  
na cúpula que pinta um coribante.  
Eis, logo à esquerda, a frente dos claros Penates  
e deves no átrio excelso entrar da casa.  
Entra aí, sem temer soleira altiva e pompa:  
que este umbral porta alguma se abre mais,  
nem amam Febo e as dotas irmãs mais de perto.  
Se ele disser: 'Por que não veio o próprio?'  
eis como responder: 'pois, lê como quiseres,  
quem saúda não pode me escrever.'

O percurso começa entre três construções bem conhecidas do fórum romano, o templo dos Dióscuros (referidos apenas como Castor no verso 3) e o complexo formado pelo templo de Vesta e a casa das Virgens Vestais. Deste ponto, o livro deveria subir um dos principais montes da cidade, o Palatino, por um caminho no qual havia uma estátua do imperador (vv. 5-6). No alto do Palatino (de onde, recordamos, se origina o termo *palácio*) caminhando para sudoeste, chegava-se ao templo de Cíbele (identificável com o Templo da *Magna Mater*<sup>3</sup>), nas imediações do qual residia o patrono. Deve-se notar que se trata de uma residência localizada em local extremamente significativo, dado que o templo era vizinho de notórias construções, tais como as casas de Lívía e de Augusto, bem como a Cabana, local no qual Rômulo teria se estabelecido quando fundou a cidade e que passara por revitalização sob os imperadores flavianos (Marcial trata desta em VIII, 80).

Através de uma perífrase de tom religioso, sabemos que o indivíduo que vive em tão notável localização é o mais amado por Apolo e pelas Musas (verso 15), ou seja, é um grande protetor das letras. Ademais, é alguém a quem a riqueza não torna menos receptivo (verso 14), pelo contrário, a altivez de sua casa não deve ser temida (verso

<sup>3</sup> Pensabene (2008) discute a identificação do templo e sua relação com o culto de Cibele, além de ilustrar com mapas, plantas e projeções artísticas o que teria sido esta construção, cujos restos ainda são reconhecíveis.

13). Por ter estas virtudes, o patrono entenderia que um cliente que produz poesia nunca chegará a fazê-lo se tiver que comparecer diariamente à *salutatio*. A conclusão engenhosa, característica da poesia epigramática de Marcial, ao convencer o patrono a ser leniente como o cliente faltoso, cumpre com o objetivo encomiástico do poema, isto é, faz o elogio de Próculo através de um tema próprio do epigrama, que é o patronato.

Da mesma forma como já ocorrera em I, 55, a presença de Roma no epigrama I, 76 é dicotômica. Este poema é endereçado a um Flaco, natural de Pádua, a quem o poeta recomenda que largue a poesia, atividade pouco rentável, e dedique seus talentos ao fórum. A afirmação é sustentada primeiramente por imagens de caráter mitológico (vv. 5-8), seguida por esta de caráter mais pragmático (vv. 9-10):

*Quid tibi cum Cirrha? quid cum Permesside nuda?  
Romanum propius diuitiusque forum est.*

Que queres tu com Cirra e co' o aberto Permessido?  
Mais perto e rico está o fórum romano.

Cirra é uma cidade da Fócida, próxima de Delfos e, como esta, dedicada a Apolo; Permessido é um rio que nasce no monte Hélicon, na Beócia, residência das Musas. A estas localidades gregas, referidas metonimicamente em lugar da poesia, Marcial contrapõe o fórum, espaço da oratória e do direito, tomados por artes tipicamente romanas. Embora haja certa ironia nesta sugestão dada de poeta a poeta, do ponto de vista deste estudo o enfoque com que o faz é positivo: com as artes próprias de Roma, Flaco será capaz de auferir riquezas, algo que não consegue com aquelas da Grécia.

A caminhada por Roma começa a tocar preferencialmente localidades suburbanas a partir de I, 87. Neste epigrama funerário, Marcial dedica ao seu escravo Alcimo um túmulo localizado em terras labicanas (v. 2: *Labicana... humus*), isto é, às margens da via Labicana, que partia do leste de Roma, conforme era o hábito do tempo em relação a monumentos literários. Embora externa à cidade, esta é uma referência que diz respeito a ela, uma vez que o monumento, sendo público, assegura a manutenção do *status* que o morto possuía dentro de seus muros.

Junto a isso, o poema funerário argumenta em favor da ideia de que a leitura do livro correspondesse à observação da cidade: equivalente a poemas funerários como este, havia as lápides reais nas vias de acesso a Roma, bem como às outras cidades. Como aponta Veyne (2009, p. 155), “Testemunhos comprovam que quando um antigo queria ler um pouco, bastava-lhe caminhar até uma das saídas da cidade; era menos difícil ler um epitáfio que a escrita cursiva de um livro.” O epigrama inscrito sobre o livro mantém uma relação direta com aquela que foi sua origem, isto é, o epigrama sobre suportes físicos concretos, entre os quais figurava a lápide. A própria ideia de verossimilhança, que se apoia na poética aristotélica, descreve por excelência o gênero epigramático: no *epigrammaton liber*, os poemas comemoram pessoas verossímeis, em oposição às pessoas reais comemoradas nas lápides.

Passando rapidamente pela *vila Nomentana*, propriedade do poeta situada em algum ponto da via que ligava Roma à cidade de Nomento, aludida em I, 105, chegamos a outro espaço suburbano de Roma. Nestes termos versa o epigrama I, 108:

*Est tibi – sitque precor multos crescatque per annos –  
pulchra quidem, uerum transtiberina domus:  
at mea Vipsanas spectant cenacula laurus,  
factus in hac ego sum iam regione senex.  
Migrandum est, ut mane domi te, Galle, salutem:  
est tanti, uel si longius illa foret.  
Sed tibi non multum est, unum si praesto  
multum est, hunc unum si mihi, Galle, nego.  
Ipse salutabo decuma te saepius hora:  
mane tibi pro me dicet hauere liber.*

Tens (e rezo que tenhas e cresça no tempo)  
bonita casa, mas além do Tibre.  
Já meu porão tem vista pros louros vipsânios  
e eu já me fiz senhor nesta região.  
Para saudar-te em casa, Galo, migrar devo:  
fosse até mais distante, vale a pena.  
Não é muito pra ti a oferta de um cliente;  
pra mim é muito, Galo, um só negar-me.  
Vou saudar-te mais vezes na décima hora:  
de manhã, levará meu livro o olá.

Neste epigrama, o patrono é Galo, e o que o distingue é, ao mesmo modo das elites de outros tempos e locais, possuir uma casa na região suburbana da cidade. A construção do discurso, neste poema, alterna as condições do patrono e do cliente. Galo é rico, mas mora do outro lado do Tibre, e a adversativa que o poeta usa no segundo

verso deixa claro o quanto isso deprecia o patrono. Marcial, por sua vez, é pobre, mas mora em região mais ao centro, isto é, o monte Quirinal. A simplicidade de sua residência é melhorada pela excelente vista que o poeta possui de seu apartamento para o pântico de Agripa (os louros vipsânios do quarto verso). Tendo estas questões em vista, Marcial, apesar de valorizar o patrono, considera que, para saudá-lo tão longe (praticamente uma migração), rouba-se a si mesmo (e nisso recupera a famosa epístola inicial de Sêneca a Lucílio), ao passo que, não saudando, subtrai ao patrono apenas um de seus tantos clientes. É notável, portanto, como, apesar de todo o respeito, o poeta deixa transparecer um pequeno tom de desprezo pelo personagem, cujos banquetes aceitará, mas por quem não vale a pena acordar mais cedo. Aqui, duas operações de conformação da *ciuitas* são visíveis, a redução do patrono a um nível inferior, baseado na distância de sua casa, e a elevação de Marcial, baseada nas virtudes de sua residência.

No epigrama I, 117, penúltimo da coleção, encontramos as últimas referências a espaços de Roma, a casa do poeta e finalmente, fechando o circuito, o Argileto:

*Occurris quotiens, Luperce, nobis,  
'Vis mittam puerum' subinde dicis,  
'cui tradas epigrammaton libellum,  
lectum quem tibi protinus remittam?'*  
*Non est quod puerum, Luperce, uexes.  
Longum est, si uelit ad Pirum uenire,  
et scalis habito tribus, sed altis.  
Quod quaeris propius petas licebit.  
Argi nempe soles subire Letum:  
contra Caesaris est forum taberna  
scriptis postibus hinc et inde totis,  
omnis ut cito perlegas poetas.  
illinc me pete. Nec roges Atrectum –  
hoc nomen dominus gerit tabernae –:  
de primo dabit alteroue nido  
rasum pumice purpuraque cultum  
denaris tibi quinque Martialem.  
'Tanti non es' ais? Sapis, Luperce.*

Conosco ocorre toda vez, Luperco,  
'Quer que eu mande o menino', dizes sempre,  
'para trazer o livro de epigramas  
que eu te devolverei, de pronto, lido?'  
Não tens que incomodá-lo assim, Luperco.  
É longe, se quiser chegar ao Piro,  
e eu moro no terceiro andar, bem alto.

O que buscas, mais perto podes ter.  
 Costumas ir, é claro, ao Argileto:  
 face ao fórum de César fica a loja.  
 Aqui e ali no umbral inteiro inscrito  
 qualquer poeta logo encontrarás.  
 Busca-me ali. Não chames por Atreto –  
 este é o nome do dono da taverna –:  
 o primeiro ou segundo nicho dá  
 em púmice polido e ornado em púrpura,  
 teu por cinco denários, Marcial.  
 ‘Não vales tanto!’ Estás, Luperco, esperto!

Aqui, a casa do poeta é referida de modo depreciativo: situada no terceiro andar, implica em uma caminhada que agora é longa e é uma subida de árduos lances de escada. Muito menos custoso é voltar ao ponto de partida da caminhada epigramática, o Argileto e suas livrarias. Neste poema, o espaço de negociação de livros é descrito com certo detalhe: a porta do estabelecimento está coberta de inscrições - nomes dos livros que são negociados pelo comerciante. Dentro, uma estante com nichos, nos quais, decerto, se mantinham os volumes mais buscados, ao alcance da mão para a venda. Estar em vitrine tal era sinal de distinção para o livro de Marcial.

## 2 Discussão

Como bem nota Prior (1996, p. 121), não existe discussão sistemática a respeito das implicações poéticas desse uso abundante, por parte de Marcial, de referências geográficas. Isso porque “*topographers usually read Martial's epigrams literally, as maps, not as poems. Those few scholars who do read him as a poet pay little or no attention to his use of topography.*” Algumas questões, portanto, merecem ser discutidas antes de observar os poemas analisados.

Primeiramente, deve-se notar que a circulação da obra de arte no mundo romano tem entre seus objetivos capilarizar o discurso que circula em Roma. Assim, por exemplo, representações de monumentos romanos em moedas provinciais fazem circular o repertório visual ao qual o morador de Roma estava exposto, colocando as mais diversas províncias sob o mesmo domínio ideológico. Na obra de Marcial, este é seguramente o caso de um livro anterior ao que está sendo investigado neste artigo: o *Livro dos Espetáculos* descreve os jogos inaugurais do Coliseu, amplificando sua função política, dando voz a um discurso de Estado que também precisava circular entre os que jamais iriam a Roma e, portanto, estariam fora da esfera de influência política

representada por aquela construção. A rota turística pela qual Marcial guia o leitor no Livro 1, sua ordem, suas paradas e omissões são significativas na construção de uma visão das virtudes e dos vícios de Roma, fazendo pela *urbs* como um todo o que fizera pelo Coliseu anteriormente.

Em seguida, é oportuno notar que o itinerário percorrido pelo poeta é circular, acabando no exato ponto em que começou. De nenhuma maneira poderia supor-se que tal distribuição é incidental; pelo contrário, a disposição dos poemas argumenta a favor da ideia de que há uma unidade de moldes aristotélicos (Aristóteles, *Poet.*, 1451a) no *Epigrammaton Liber* de Marcial: começo, meio e fim podem ser conceitos difíceis de identificar na sucessão de louvores e vitupérios a pessoas, mas um passeio que percorre diversas partes de Roma, acabando em seu ponto de partida, consolida essa noção. Ao menos mais uma vez, como nota Prior (1996, p. 138), Marcial se dispõe a descrever um itinerário circular em um poema específico, o II, 14, no qual o caçador de jantares Sélio percorre em vão pontos diversos do Campo de Marte em busca de um convite, terminando sua caminhada no ponto de partida.

Chegando, finalmente, ao objeto deste assunto, nossa premissa é que, na *Poética* de Aristóteles (1448a), o que é definido como objeto da poesia não são lugares, mas pessoas:

Mas como os imitadores imitam homens que praticam alguma ação, e estes, necessariamente, são indivíduos de elevada ou de baixa índole (porque a variedade dos caracteres só se encontra nestas diferenças [e, quanto a caráter, todos os homens se distinguem pelo vício ou pela virtude]), necessariamente também sucederá que os poetas imitam homens melhores, piores ou iguais a nós, como o fazem os pintores. (ARISTÓTELES, 1984, p. 242.)

Os espaços da cidade referidos pelo poeta contribuem, portanto, para a elaboração discursiva dos vícios e virtudes das pessoas imitadas nos poemas. Entre aqueles em que há relação entre topografia e (po)ética, destacam-se (i) a arena de I, 14, isto é, o Coliseu, no qual os animais selvagens podem ter a clemência que não está em sua natureza porque emprestam a virtude do César; (ii) a região transtiberina com suas atividades sujas de I, 41; (iii) o monte Palatino, cuja grandeza e proximidade com as residências dos Césares antecipava a virtude de um de seus moradores em I, 70; e finalmente (iv) o rico patrono desprezado por morar do outro lado do Tibre, em I, 108.

Esta frequência confirma que, em Marcial, as referências a espaços públicos da cidade são produtivas na constituição do *ethos* das personagens dos epigramas.

Em termos gerais, nota-se que o espaço que é favoravelmente descrito, ou que seria reconhecível pelo leitor como tal, empresta virtude ao personagem que por ele transita: assim ocorre com o imperador, cuja virtude é identificável no tipo de espetáculo encenado dentro do Coliseu; assim ocorre com Próculo, patrono cujo excelente caráter é antecipado pela excelente localização de sua residência. O mesmo vale para os vícios: a região além do Tibre, mencionada duas vezes neste livro, deprecia seu morador, quer pensemos no humilde ambulante ao qual Cecílio é comparado, quer pensemos em Galo, o qual, embora rico, não merece ser visitado.

É de se notar que três poemas arrolados neste artigo têm por assunto a relação com patronos. Em I, 55, o patronato vem apresentado como uma mazela da organização social de Roma, em contraposição à vida livre do morador do campo (um tanto idealizada, importa notar). Os patronos aos quais se dirige Marcial em I, 70 e I, 108 distinguem-se especificamente em virtude da localização de sua casa: Próculo só pode apresentar suas virtudes depois que o livro cumpra todo o seu trajeto pelo Palatino; Galo só pode ser desprezado depois que a péssima localização de sua residência é apresentada.

Tendo visto que o espaço desempenha papel relevante na constituição do *ethos* das personagens dos epigramas, resta notar que o seu uso é dinâmico, relacionado à economia de cada texto, tomado singularmente. O melhor testemunho disso são as duas menções à própria residência do poeta. Em I, 108, quando o objetivo é desabilitar o patrono Galo e seu desejo de ser saudado pela manhã (como era esperado dos clientes) em virtude de sua longínqua residência, o domicílio de Marcial é pintado com tintas mais agradáveis: o poeta reside ali há muito tempo (v. 4) e a habitação possui vista para o belo Pórtico de Agripa e seu jardim de loureiros<sup>4</sup> (v. 3). Quando, em I, 117, o objetivo é aconselhar o *pão-duro* Luperco a comprar seu livro, em lugar de mandar um escravo retirar (sem custos, é claro) uma cópia na casa do autor, um quadro amargo é pintado:

---

<sup>4</sup> Seguimos, na identificação desta localidade, o indicação de PLATNER (1929, p. 430). Segundo este, a parte sul deste complexo coincidia com o lado sul da atual *Via del Tritone*, no início, portanto, da subida do monte Quirinal.

aquela que parecia no poema anterior uma localização central passa a ser uma estância longínqua (v. 6), alta (isso é, implica em subir o Quirinal) e no terceiro andar, com os cansativos lances de escada. Assim, dificilmente poderemos supor, nos epigramas, que uma visão estática de Roma se forme diante dos olhos do leitor. Engenhosamente, deve-se notar que os poemas aqui referidos estão suficientemente próximos um do outro no livro para que esta gradação não passe despercebida. Pelo contrário, este é o tipo de evidência que nos faz entender como o poeta planeja a unidade do *Epigrammaton liber*.

### Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica. Ética a Nicômaco. Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CAIROLLI, F. *Marcial Brasileiro*. - 2014, 498 páginas, 1 volume. Tese (Doutorado em Letras - Concentração Letras Clássicas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

HANSEN, J. A. Categorias epidíticas da *ekphrasis*. *Revista USP*, São Paulo, n.71, p. 85-105, set./nov. 2006.

MARTIALIS, M. V. *Epigrammata*. *Recognovit breuique adnotatione critica instruxit W. M. Lindsay*. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1987.

PENSABENE, P. Culto di Cibele e Attis tra Palatino e Vaticano. *Bollettino di Archeologia online I*, Roma, Volume speciale D / D3 / 2, 2010.

PLATNER, S. *A Topographical Dictionary of Ancient Rome*. London: Oxford University Press, 1929.

PRIOR, R. Going Around Hungry: Topography and Poetics in Martial 2.14. *American Journal of Philology*. Baltimore, n. 117.1, p. 121-141, 1996.

VEYNE, P. *História da Vida Privada. Vol. 1: Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

### Nota

O presente trabalho se beneficiou de indicações e procedimentos teóricos apresentados em conferências - e, portanto, até o presente não-publicadas por escrito - dos professores Paolo Fedeli, “*Dalla città degli amori alla città che cresce: Properzio e la Roma augustea*” e Gianpiero Rosati “*Imperii Roma deumque locus’: Augustan Rome as heavenly city in Ovid’s exile poetry*”, ambas proferidas no âmbito do V Colóquio Internacional “*Visões da Antiguidade*” do LATTIM, IAC, VerVe / USP. Fica aqui apontado o débito do autor.

Recebido em: 01/04/2016
-------------------------

Aceito em: 10/06/2016
-----------------------